

COMPETÊNCIA PROFISSIONAL PERCEBIDA DE TREINADORES ESPORTIVOS CATARINENSES

PROFESSIONAL COMPETENCE PERCEIVED IN SPORTS COACHES FROM SANTA CATARINA STATE

Ema Maria Egerland*
Juarez Vieira do Nascimento**
Jorge Both***

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar o nível de competência profissional percebido de treinadores esportivos catarinenses, considerando os ciclos vitais, os ciclos de desenvolvimento profissional e o tipo de modalidade em que atuam. O processo de seleção da amostra foi estratificado de acordo com as regiões do Estado de Santa Catarina, de modo que participaram da investigação 213 treinadores. O instrumento de coleta de dados foi a Escala de Autopercepção de Competência (EAPC) adaptada de Simão (1998). Na análise estatística dos dados foram empregados os testes qui-quadrado e razão de verossimilhança e a regressão binária, contidos no programa SPSS versão 11.0, e o nível de significância adotado foi de 5%. Os resultados evidenciaram elevada percepção de competência dos treinadores, bem como maior domínio dos conhecimentos sobre gestão e legislação do esporte por parte dos treinadores mais experientes e de idade mais avançada. Conclui-se que o nível de competência percebida dos treinadores parece aumentar de acordo com a progressão nos ciclos de desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Competência percebida. Treinadores. Esportes.

INTRODUÇÃO

A investigação das percepções pessoais de competência é justificada frequentemente pela necessidade de registrar a percepção do ser humano no contexto em que atua, bem como de compreender o modo como o indivíduo identifica o seu desempenho nos mais variados contextos, com destaque para os contextos de realização pessoal. Além disso, os estudos nesta área também buscam entender o processo pelo qual determinadas ações influenciam e motivam a ação de um indivíduo (NASCIMENTO, 1999b, 2000; FARIA, 2002).

A percepção de competência profissional tem sido usualmente definida como o sentimento que o profissional revela em relação às suas capacidades para desempenhar funções profissionais considerando os conhecimentos adquiridos e as

experiências acumuladas no campo de sua especialização (NASCIMENTO, 2000; ROSADO, 2000; COSTA et al., 2004; COSTA; NASCIMENTO, 2006; BATISTA, 2008; BATISTA; GRAÇA; MATOS, 2008). Sobre este assunto, Batista (2008) e Nascimento (1999b, 2000) esclarecem que o desempenho profissional resulta não só do nível de competência adquirido, mas também da autoavaliação que cada um faz das suas próprias competências.

O fato de o indivíduo acreditar nas suas próprias capacidades tem impacto significativo no rendimento profissional. Da mesma forma, a avaliação da percepção de competência possui um valor importante, porquanto, de acordo com Bandura (1977, 1986), as expectativas de eficácia pessoal não só influenciam a quantidade de esforço a despender, mas também o grau de persistência em face dos

* Mestra. Professora do curso de Educação Física da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

** Doutor. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

*** Doutorando. Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da Rede Municipal de Ensino da cidade de Florianópolis/SC.

obstáculos com que os indivíduos se confrontam. Um aspecto a destacar é que algumas investigações sobre as convicções pessoais de autoeficácia (ONOFRE; COSTA, 1994; JESUS; ABREU, 1994; LOSIER; WALLERAND, 1995; SACKS, 1995; PAJARES, 1996; RUDOLPH; MCAULEY, 1996) têm oferecido importantes contribuições para o aconselhamento vocacional, a formação profissional e a definição de estratégias de intervenção na carreira.

Quanto ao caso específico do treinador esportivo, Rosado (2000) comenta que dominar as competências profissionais (conhecimentos e habilidades) significa saber quando, como e por que aplicá-las, reconhecendo a preocupação do treinador com o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão que possibilite a transferência da competência tanto de contexto para contexto quanto de situação para situação. De fato, o treinador não transfere para o treino e para a competição qualquer competência, mas a competência individual construída a partir da formação recebida para desempenhar suas funções (BENTO, 2006). Da mesma forma, o desenvolvimento de competências pode ocorrer de maneira mais acentuada por meio de uma série de experiências planejadas, baseadas em interesses, necessidades e demandas profissionais.

Na tentativa de identificar a percepção de competência de treinadores portugueses de modalidades distintas, Simão (1998) constatou que os treinadores investigados apresentaram menor percepção de domínio dos conhecimentos relacionados ao corpo humano e das relações socioesportivas, quando comparados com as competências relativas à metodologia do treinamento (conhecimentos de programação, planificação e estruturação). O instrumento elaborado por Simão (1998) foi adaptado à modalidade de voleibol no estudo desenvolvido por Resende, Mesquita e Fernandes (2007), o qual detectou que o sexo e a experiência profissional são variáveis que não parecem interferir substancialmente nas concepções de treinadores acerca das competências que necessitam dominar para o exercício qualificado da função de treinador de voleibol.

Diante do exposto e do fato de que o sucesso de treinadores esportivos depende tanto da utilização adequada de competências quanto do sentimento de

segurança manifestado em relação às competências inerentes ao desempenho profissional, o objetivo deste estudo foi analisar o nível de percepção de competência profissional de treinadores esportivos catarinenses, considerando os ciclos vitais, os ciclos de desenvolvimento profissional e o tipo de modalidade em que atuam.

MÉTODO

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa descritiva, pois se preocupou com a “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis” (GIL, 2002, p. 45). Além da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (THOMAS; NELSON, 2002), há o emprego de recursos estatísticos na análise dos dados, que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis (BEUREN, 2006).

A população deste estudo abrangeu todos os treinadores esportivos catarinenses que atuam nas diferentes modalidades esportivas. A partir do processo de seleção estratificada por região do Estado de Santa Catarina, participaram do estudo 213 treinadores, de ambos os sexos, de modalidades coletivas e individuais, vinculados às fundações municipais de esporte e ao esporte de alto rendimento, sendo 69 (32,4%) do Vale do Itajaí, 56 (26,3%) do Oeste, 44 (20,7%) do Norte e 44 (20,7%) da Grande Florianópolis, Sul e Planalto. As mesorregiões Grande Florianópolis, Sul e Planalto foram agrupadas devido ao número reduzido de participantes.

Na coleta de dados foi empregado um questionário contemplando dados sociodemográficos e profissionais (sexo, ciclos vitais, estado civil, formação acadêmica, ciclo de desenvolvimento profissional, tempo de serviço na instituição empregadora, pluriemprego, experiência profissional e competitiva) bem como a escala de autopercepção de competência profissional de treinadores esportivos.

O nível de competência profissional percebida dos treinadores foi avaliado a partir da Escala de Autopercepção de Competência (EAPC), a qual foi adaptada do instrumento desenvolvido por Simão (1998). A matriz analítica é bidimensional, compondo-se das dimensões “Conhecimentos profissionais” (gestão e legislação do esporte,

biodinâmica do esporte, aspectos psicossocioculturais do esporte e teoria e metodologia do treinamento esportivo) e “Habilidades profissionais” (planejamento e gestão esportiva, avaliação do esporte, comunicação e integração no esporte e autorreflexão e atualização profissional no esporte). O instrumento se constitui de 39 questões fechadas, com uma escala de avaliação da competência percebida de 1 a 5 pontos, sendo 1 = não domino, 2 = domino pouco, 3 = domino razoavelmente, 4 = domino bem e 5 = domino muito bem.

Embora o instrumento de pesquisa já tenha sido validado para a realidade portuguesa por Simão (1998), foi necessário inicialmente traduzi-lo e adaptá-lo à realidade brasileira, para testar posteriormente a clareza e a objetividade da linguagem e a reprodutibilidade da nova versão. A análise de clareza e objetividade da linguagem foi realizada com a participação de 26 treinadores e resultou na eliminação de seis questões, por não apresentarem o nível esperado de consenso (80%). A avaliação da reprodutibilidade do instrumento foi efetuada a partir do método de teste-reteste, com uma semana de intervalo entre as testagens, envolvendo 50 treinadores esportivos. Os resultados dos coeficientes de correlação foram considerados aceitáveis.

A variável denominada “ciclos vitais” considerou a idade de cada treinador, cujas faixas etárias foram estabelecidas a partir da classificação de Garcia (1995). Os anos de experiência profissional no desempenho da função de treinador esportivo foram empregados na análise dos ciclos de desenvolvimento profissional seguindo a classificação adaptada de Nascimento e Graça (1998). Enquanto as modalidades coletivas compreenderam o basquetebol, o futebol, o futsal, o handebol, o punhobol e o voleibol, as modalidades individuais envolveram o atletismo, o caratê, o ciclismo, a ginástica artística e rítmica, o judô, a natação, o tênis, o triatlo e o xadrez.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos (Processo 337/08), os questionários e os termos de consentimento livre e esclarecido foram encaminhados às fundações municipais de desporto para serem distribuídos aos treinadores de cada município.

A tabulação e a categorização dos dados relativos às variáveis do estudo foram realizadas na planilha eletrônica Microsoft Excel. Inicialmente utilizou-se uma equação de ponderação adaptada de Lemos (2007), com o objetivo de categorizar o nível de competência percebida dos treinadores (domina ou não domina) considerando os indicadores, as dimensões e a avaliação global desta variável.

O teste qui-quadrado foi empregado na caracterização da amostra para avaliar o nível de associação entre os dados sociodemográficos e as diferentes regiões do Estado de Santa Catarina. Utilizou-se o teste da razão de verossimilhança para constatar as associações entre, de um lado, os indicadores, as dimensões e a avaliação global da competência percebida, e do outro, as variáveis investigadas (ciclos vitais, ciclos de desenvolvimento profissional e tipos de modalidade esportiva). Quando foi identificada associação entre as variáveis foi empregada a análise de regressão logística binária, tendo-se fixado como referência o grupo que referiu não dominar a competência avaliada para estabelecer as razões de chances (OR – *Odds Ratio*, IC95% – intervalo de confiança de 95%). Todas as análises estatísticas foram realizadas no pacote estatístico SPSS, versão 11.0, e o nível de significância foi de 5%.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta os dados descritivos das características sociodemográficas e profissionais dos participantes do estudo, revelando uma distribuição equilibrada nas diferentes regiões do Estado de Santa Catarina. Em sua maioria os participantes eram do sexo masculino (80,9%), com destaque para as regiões do Vale do Itajaí (32,0%) e Oeste (27,8%), que representaram, respectivamente, 32% e 27,8% naquele percentual total.

No que diz respeito aos ciclos vitais, constatou-se que a maioria dos participantes concentrou-se nas faixas etárias de 30 a 39 anos (35,7%) e 40 a 49 anos (31,0%), principalmente nas regiões do Vale do Itajaí e Oeste. Quanto ao estado civil, observou-se que 59,1% dos treinadores eram casados, com maior frequência na região do Vale do Itajaí (31,0%). Dentre os treinadores que relataram a sua formação, constatou-se que 69,2% possuíam curso de pós-graduação.

Tabela 1 - Características sociodemográficas e profissionais dos treinadores considerando as regiões do Estado.

Variáveis	Grande Florianópolis/ Sul/Planalto	Vale do Itajaí	Norte	Oeste	Total
Sexo					
Masculino	35(20,7%)	54(32,0%)	33(19,5%)	47(27,8%)	169(80,9%)
Feminino	9(22,5%)	14(35,0%)	8(20,0%)	9(22,5%)	40(19,1%)
Ciclos vitais					
Até 29 anos	15(30,0%)	19(38,0%)	6(12,0%)	10(20,0%)	50(23,5%)
Entre 30 e 39 anos	17(22,4%)	23(30,3%)	17(22,4%)	19(25,0%)	76(35,7%)
Entre 40 e 49 anos	7(10,6%)	21(31,8%)	15(22,7%)	23(34,8%)	66(31,0%)
50 anos ou mais	5(23,5%)	6(28,6%)	6(28,6%)	4(19,0%)	21(9,8%)
Estado civil					
Casado	22(17,5%)	39(31,0%)	32(25,4%)	33(26,2%)	126(59,1%)
Não Casado	22(25,3%)	30(34,5%)	12(13,8%)	23(26,4%)	87(40,9%)
Formação acadêmica					
Graduado	16(26,2%)	20(32,8%)	14(23,0%)	11(18,0%)	61(30,8%)
Pós-Graduado	27(19,7%)	43(31,4%)	26(19,0%)	41(29,9%)	137(69,2%)
Ciclos de desenvolvimento profissional					
Entrada	10(25,6%)	15(38,5%)	5(12,8%)	9(23,1%)	39(18,5%)
Consolidação	7(17,5%)	16(40,0%)	6(15,0%)	11(27,5%)	40(18,9%)
Diversificação	18(23,7%)	23(30,3%)	17(22,4%)	18(23,7%)	76(36,0%)
Estabilização	8(14,3%)	15(26,8%)	15(26,8%)	18(32,1%)	56(26,5%)
Tempo de serviço na instituição empregadora					
Até 4 anos	18(32,1%)	18(32,1%)	10(17,9%)	10(17,9%)	56(27,7%)
Entre 5 e 12 anos	12(17,1%)	20(28,6%)	17(24,3%)	21(20,0%)	70(34,7%)
13 anos ou mais	12(15,8%)	24(31,6%)	15(19,7%)	25(32,9%)	76(37,6%)
Pluriemprego					
Não Possui	5(10,9%)	13(28,3%)	11(23,9%)	17(37,0%)	46(21,6%)
Possui	39(23,4%)	56(33,5%)	33(19,8%)	39(23,4%)	167(78,4%)
Tipo de modalidade					
Esporte Individual	17(17,3%)	38(38,8%)	21(21,4%)	22(22,4%)	98(46,2%)
Esporte Coletivo	26(22,8%)	31(27,2%)	23(20,2%)	34(29,8%)	114(53,8%)
Nível de competição					
Estadual	23(27,1%)	26(30,6%)	12(14,1%)	24(28,2%)	85(40,1%)
Nacional	13(17,1%)	21(27,6%)	21(27,6%)	21(27,6%)	76(35,8%)
Internacional	8(15,7%)	21(41,2%)	11(21,6%)	11(21,6%)	51(24,1%)
Total	44(20,7%)	69(32,4%)	44(20,7%)	56(26,3%)	213(100%)

Com relação aos ciclos de desenvolvimento profissional, a maior parte dos treinadores investigados encontrava-se nos ciclos de diversificação (36,0%) e estabilização (26,5%), e seu tempo de serviço na instituição empregadora era superior a cinco anos (72,3%).

Embora 78,4% dos treinadores investigados desempenhassem outra função remunerada, destaca-se que 37,0% dos treinadores que atuantes na Região Oeste viviam exclusivamente desta profissão; por outro lado, enquanto a maioria dos treinadores da Região Oeste atuavam em modalidades esportivas coletivas (29,8%), na região do Vale do Itajaí predominavam os treinadores atuantes em esportes individuais (38,8%).

A única variável que apresentou diferença estatisticamente significativa ($p=0,040$) entre as regiões de origem dos treinadores foi o nível das competições em que os treinadores já haviam atuado. Apesar de grande parte dos treinadores investigados atuar somente em competições

estaduais (40,1%), os demais atuavam em competições nacionais (35,8%) e internacionais (24,1%), principalmente os treinadores da região do Vale do Itajaí.

Os resultados sobre o nível de competência percebida dos treinadores revelaram que a maioria dos treinadores investigados apresentava elevada autopercepção de competência profissional ($p<0,001$), tanto na avaliação global (81,7%) quanto nas dimensões conhecimentos (82,6%) e habilidades profissionais (90,1%). Tais resultados são similares aos encontrados entre professores (NASCIMENTO; GRAÇA, 1998) e treinadores portugueses (SIMÃO, 1998), bem como entre estudantes de Educação Física brasileiros (VIEIRA; VIEIRA; FERNANDES, 2006). Não obstante, estas evidências divergem dos resultados de estudos que investigaram professores de Educação Física levados a cabo pelos brasileiros COSTA; NASCIMENTO, 2006; COSTA et al., 2004 e

pelos portugueses BATISTA, 2008; BATISTA; GRAÇA; MATOS, 2008, os quais identificaram maior competência percebida nas habilidades do que nos conhecimentos.

Observando-se os ciclos vitais dos treinadores (Tabela 2), constatou-se que há diferenças significativas na competência percebida nas

habilidades profissionais referentes aos indicadores avaliação do esporte ($p=0,037$) e autorreflexão e atualização profissional do esporte ($p=0,022$). Além disso, a dimensão habilidades profissionais ($p=0,063$) e o indicador conhecimentos de gestão e legislação do esporte ($p=0,058$) evidenciaram fraca associação.

Tabela 2 - Nível de competência profissional percebida considerando os ciclos vitais dos treinadores.

Ciclos Vitais	Competência percebida		p-valor*
	Não domina	Domina	
Conhecimentos profissionais			0,619
Até 29 anos	11(22,0%)	39(78,0%)	
Entre 30 e 39 anos	10(13,2%)	66(86,8%)	
Entre 40 e 49 anos	12(18,2%)	54(81,8%)	
50 anos ou mais	4(19,0%)	17(81,0%)	
Gestão e legislação do esporte			0,058
Até 29 anos	24(48,0%)	26(52,0%)	
Entre 30 e 39 anos	28(36,8%)	48(63,2%)	
Entre 40 e 49 anos	17(25,8%)	49(74,2%)	
50 anos ou mais	5(23,8%)	16(76,2%)	
Biodinâmica do esporte			0,766
Até 29 anos	7(14,0%)	43(86,0%)	
Entre 30 e 39 anos	14(18,4%)	62(81,6%)	
Entre 40 e 49 anos	13(19,7%)	53(80,3%)	
50 anos ou mais	5(23,8%)	16(76,2%)	
Aspectos psicossocioculturais do esporte			0,244
Até 29 anos	10(20,0%)	40(80,0%)	
Entre 30 e 39 anos	6(7,9%)	80(92,1%)	
Entre 40 e 49 anos	7(10,6%)	59(89,4%)	
50 anos ou mais	3(14,3%)	18(85,7%)	
Teoria e metodologia do treinamento esportivo			0,819
Até 29 anos	3(6,0%)	47(94,0%)	
Entre 30 e 39 anos	2(2,6%)	74(97,4%)	
Entre 40 e 49 anos	3(4,5%)	63(95,5%)	
50 anos ou mais	1(4,8%)	20(95,2%)	
Habilidades profissionais			0,063
Até 29 anos	9(18,0%)	41(82,0%)	
Entre 30 e 39 anos	3(3,9%)	73(96,1%)	
Entre 40 e 49 anos	6(9,1%)	60(90,9%)	
50 anos ou mais	3(14,3%)	18(85,7%)	
Planejamento e gestão esportiva			0,716
Até 29 anos	4(8,0%)	46(92,0%)	
Entre 30 e 39 anos	3(3,9%)	73(96,1%)	
Entre 40 e 49 anos	4(6,1%)	62(93,9%)	
50 anos ou mais	2(9,5%)	19(90,5%)	
Avaliação do Esporte			0,037
Até 29 anos	7(14,0%)	43(86,0%)	
Entre 30 e 39 anos	4(5,3%)	72(94,7%)	
Entre 40 e 49 anos	9(13,6%)	57(86,4%)	
50 anos ou mais	6(28,6%)	15(71,4%)	
Comunicação e integração do esporte			0,233
Até 29 anos	5(10,0%)	45(90,0%)	
Entre 30 e 39 anos	4(5,3%)	72(94,7%)	
Entre 40 e 49 anos	2(3,0%)	64(97,0%)	
50 anos ou mais	3(14,3%)	18(85,7%)	
Autorreflexão e atualização profissional no esporte			0,022
Até 29 anos	13(26,0%)	37(74,0%)	
Entre 30 e 39 anos	5(6,6%)	71(93,4%)	
Entre 40 e 49 anos	8(12,1%)	58(87,9%)	
50 anos ou mais	2(9,5%)	19(90,5%)	
Avaliação global da competência percebida			0,351
Até 29 anos	13(26,0%)	37(74,0%)	
Entre 30 e 39 anos	10(13,2%)	66(86,8%)	
Entre 40 e 49 anos	12(18,2%)	54(81,8%)	
50 anos ou mais	4(19,0%)	17(81,0%)	

*p-valor estimado através do teste de razão de verossimilhança

Em relação ao indicador avaliação do esporte, constatou-se que os treinadores que tinham entre 30 e 39 anos (94,7%) apresentaram maior percepção de competência profissional que os treinadores que de idade igual ou superior a 50 anos (71,4%, OR=7,19, IC95%: 1,81-28,63). Quando ao indicador autorreflexão e atualização no esporte, os treinadores com idade até 29 anos (74,0%) demonstraram menor competência profissional percebida que os treinadores que tinham entre 30 e 39 anos (93,4%, OR=4,99, IC95%: 1,65-15,06). Apesar de algumas investigações confirmarem que os profissionais da área dominavam a habilidade de avaliação (NASCIMENTO, 1998; SIMÃO, 1998), acredita-se que algumas especificidades do processo de treinamento esportivo, nomeadamente a de estabelecer e avaliar o alcance das metas (BÖHME, 1997; MACHADO; FERNANDES FILHO, 2001), possam resultar nas dificuldades enfrentadas em estabelecer critérios de êxito e avaliar a efetividade do trabalho realizado. Destaca-se que a falta de avaliações periódicas frequentemente ocasiona esforços físicos inadequados, os quais podem não encorajar os indivíduos a participar das atividades programadas (GUEDES; GUEDES, 2006; BORIN; PRESTES; MOURA, 2007). Em relação à autorreflexão, treinadores de voleibol brasileiros investigados consideram a reflexão sobre a prática e sobre o seu desenvolvimento profissional uma área importante e necessária na formação do treinador, considerando a reflexão como uma constante construção e reconstrução das situações para alcançar melhores resultados (MARINHO, 2007).

No que diz respeito ao indicador gestão e legislação do esporte, os treinadores com idade até 29 anos (52,0%) apresentaram menor competência percebida em comparação com os que tinham entre 40 e 49 anos (74,2%, OR=0,38, IC95%: 0,17-0,82). Embora os resultados sejam divergentes daqueles encontrados nos estudos de Costa et al. (2004), Nascimento e Graça (1998) e Simão (1998), as evidências confirmam que estes conhecimentos têm sido ponto nevrálgico na intervenção profissional da área e suscitado a sua inclusão

nos cursos de graduação. Além disso, a experiência profissional parece estar proporcionando o domínio de tais conhecimentos, os quais são de importância vital para o profissional atuar na área (ROSADO, 2000). A habilidade de organização e gestão foi identificada como o maior domínio percebido pelos formandos portugueses e o menor domínio percebido pelos formandos brasileiros (NASCIMENTO, 1998).

Quando analisada a percepção de competência profissional de acordo com os ciclos de desenvolvimento profissional (Tabela 3), constatou-se que os indicadores gestão e legislação do esporte ($p=0,003$), avaliação do esporte ($p=0,018$) e autorreflexão e atualização profissional do esporte ($p=0,002$) apresentaram associação significativa. Além disso, a dimensão habilidades profissionais ($p=0,051$) e a avaliação global da competência percebida ($p=0,068$) demonstraram fraca associação. Os resultados revelaram que a competência percebida dos treinadores (avaliação global) aumentou de acordo com a progressão nos ciclos de desenvolvimento profissional, com maior domínio na fase de diversificação profissional. O desenvolvimento profissional, de acordo com Garcia (1995, 2009), não se processa de forma linear, revelando a construção de um *eu* profissional que evolui ao longo da carreira que pode ser afetada pela experiência adquirida e os contextos de intervenção. Alguns estudos nesta área (NASCIMENTO; GRAÇA, 1998; SHIGUNOV; FARIAS; NASCIMENTO, 2002; COSTA et al., 2004; FOLLE; NASCIMENTO, 2008) revelam que a fase de diversificação compreende um período de experimentação e diversificação em que os profissionais se encontram mais motivados, tanto na melhoria da qualidade do trabalho realizado quanto na vivência de novas experiências. Embora o desenvolvimento de competências seja um processo contínuo mas variável entre os indivíduos (MATEOZO, 1971), o mercado de trabalho tem exigido profissionais competentes, com formação e atualização profissional constante (ALCOSER, 2006).

Tabela 3 - Nível de competência profissional percebida considerando-se os ciclos de desenvolvimento profissional dos treinadores.

Ciclos de desenvolvimento profissional	Competência percebida		p-valor*
	Não domina	Domina	
Conhecimentos profissionais			0,198
Entrada	10(25,6%)	29(74,4%)	
Consolidação	8(20,0%)	32(80,0%)	
Diversificação	8(10,5%)	68(89,5%)	
Estabilização	10(17,9%)	46(82,1%)	
Gestão e legislação do esporte			0,003
Entrada	22(56,4%)	17(43,6%)	
Consolidação	17(42,5%)	23(57,5%)	
Diversificação	19(25,0%)	57(75,0%)	
Estabilização	15(16,8%)	41(73,2%)	
Biodinâmica do esporte			0,432
Entrada	9(23,1%)	30(76,9%)	
Consolidação	4(10,0%)	36(90,0%)	
Diversificação	14(18,4%)	62(81,6%)	
Estabilização	11(19,6%)	45(80,4%)	
Aspectos psicossocioculturais do esporte			0,199
Entrada	7(17,9%)	32(82,1%)	
Consolidação	7(17,5%)	33(82,5%)	
Diversificação	5(6,6%)	71(93,4%)	
Estabilização	7(12,5%)	49(87,5%)	
Teoria e metodologia do treinamento esportivo			0,346
Entrada	3(7,7%)	36(92,3%)	
Consolidação	2(5,0%)	38(95,0%)	
Diversificação	1(1,3%)	75(98,7%)	
Estabilização	3(5,4%)	53(94,6%)	
Habilidades profissionais			0,051
Entrada	8(20,5%)	31(79,5%)	
Consolidação	4(10,0%)	36(90,0%)	
Diversificação	3(3,9%)	73(96,1%)	
Estabilização	6(10,7%)	50(89,3%)	
Planejamento e gestão esportiva			0,359
Entrada	4(10,3%)	35(89,7%)	
Consolidação	3(7,5%)	37(92,5%)	
Diversificação	2(2,6%)	74(97,4%)	
Estabilização	4(7,1%)	52(92,9%)	
Avaliação do esporte			0,018
Entrada	7(17,9%)	32(82,1%)	
Consolidação	4(10,0%)	36(90,0%)	
Diversificação	3(3,9%)	73(96,1%)	
Estabilização	11(19,6%)	45(80,4%)	
Comunicação e integração do esporte			0,612
Entrada	4(10,3%)	35(89,7%)	
Consolidação	3(7,5%)	37(92,5%)	
Diversificação	3(3,9%)	73(96,1%)	
Estabilização	4(7,1%)	52(92,9%)	
Autorreflexão e atualização profissional do esporte			0,002
Entrada	13(33,3%)	26(66,7%)	
Consolidação	5(12,5%)	35(87,5%)	
Diversificação	5(6,6%)	71(93,4%)	
Estabilização	5(8,9%)	51(91,1%)	
Avaliação global da competência percebida			0,068
Entrada	12(30,8%)	27(69,2%)	
Consolidação	8(20,0%)	32(80,0%)	
Diversificação	8(10,5%)	68(89,5%)	
Estabilização	10(17,9%)	46(82,1%)	

*p-valor estimado através do teste de razão de verossimilhança

A análise pormenorizada dos indicadores das dimensões revelou resultados similares àqueles encontrados na variável denominada “ciclos vitais”. Os treinadores mais experientes dos ciclos de diversificação (75,0%, OR=0,26,

IC95%: 0,11-0,58) e estabilização (73,2%, OR=0,28, IC95%: 0,12-0,67) relataram maior domínio de conhecimentos de gestão e legislação do esporte do que os colegas menos experientes do ciclo de entrada (43,6%). Da

mesma forma, enquanto os treinadores mais experientes (ciclo de estabilização) revelaram menor domínio da habilidade avaliação do esporte (80,4%, OR=5,95, IC95%: 1,57-22,48), os treinadores menos experientes (ciclo de entrada) sentem mais dificuldades na habilidade de autorreflexão e atualização profissional no esporte do que os treinadores dos ciclos de consolidação (87,5%, OR=0,29, IC95%: 0,09-0,90), diversificação (93,4%, OR=0,14, IC95%: 0,05-0,43) e estabilização (91,1%, OR=0,20, IC95%: 0,06-0,61). Entre as competências exigidas do treinador de alto rendimento, Marques (2000) destaca o domínio de habilidades práticas, conhecimentos científicos, capacidades de reflexão e tomadas de decisão. Neste sentido, a capacidade de autorreflexão

compreende um estado de vigilância e observação de todos os pormenores das situações, o qual auxilia o treinador no controle e avaliação do seu desempenho bem como na tomada de decisões mais seguras para atingir as metas competitivas. Outro aspecto a destacar é que o desenvolvimento de competências pode ocorrer de maneira acentuada por meio de uma série de experiências, interesses, necessidades e demandas de treinadores (NASCIMENTO, 1998, 1999a).

Os resultados da Tabela 4 revelam que os treinadores de modalidades individuais (75,5%, OR=2,14, IC95%: 1,05-4,36) demonstraram menor percepção de competência na avaliação global ($p=0,034$) do que os treinadores de esportes coletivos (86,8%).

Tabela 4 - Nível de competência profissional percebida considerando o tipo de modalidade que os treinadores atuam.

Tipo de esporte	Competência percebida		p-valor*
	Não domina	Domina	
Conhecimentos profissionais			0,012
Individual	24(24,5%)	74(75,5%)	
Coletivo	13(11,4%)	101(88,6%)	
Gestão e legislação do esporte			0,819
Individual	35(35,7%)	63(64,3%)	
Coletivo	39(34,2%)	75(65,8%)	
Biodinâmica do esporte			0,004
Individual	26(26,5%)	72(73,5%)	
Coletivo	13(11,4%)	101(88,6%)	
Aspectos psicossocioculturais do esporte			0,211
Individual	15(15,3%)	83(84,7%)	
Coletivo	11(9,6%)	103(90,4%)	
Teoria e metodologia do treinamento esportivo			0,567
Individual	5(5,1%)	93(94,9%)	
Coletivo	4(3,5%)	110(96,5%)	
Habilidades profissionais			0,291
Individual	12(12,2%)	86(87,8%)	
Coletivo	9(7,9%)	105(92,1%)	
Planejamento e gestão esportiva			0,570
Individual	7(7,1%)	91(92,9%)	
Coletivo	6(5,3%)	108(94,7%)	
Avaliação do esporte			0,681
Individual	13(13,3%)	85(86,7%)	
Coletivo	13(11,4%)	101(88,6%)	
Comunicação e integração do Esporte			0,048
Individual	10(10,2%)	88(89,8%)	
Coletivo	4(3,5%)	110(96,5%)	
Autorreflexão e atualização profissional do esporte			0,403
Individual	15(15,3%)	83(84,7%)	
Coletivo	13(11,4%)	101(88,6%)	
Avaliação global da competência percebida			0,034
Individual	24(24,5%)	74(75,5%)	
Coletivo	15(13,2%)	99(86,8%)	

*p-valor estimado através do teste de razão de verossimilhança

A análise de regressão logística binária detectou que os treinadores de modalidades individuais (75,5%, OR=2,52, IC95%: 1,20-5,27) demonstraram menor domínio de conhecimentos profissionais do que os treinadores de modalidades coletivas (88,6%). Além disso, destacou que os treinadores de modalidades coletivas (88,6%, OR=0,36, IC95%: 0,17-0,74) possuem maior domínio dos conhecimentos de biodinâmica do esporte do que os treinadores de modalidades individuais (73,5%). Os resultados do teste de razão de verossimilhança evidenciaram o maior domínio das habilidades de comunicação e integração do esporte por parte dos treinadores de modalidades coletivas (96,5%).

CONCLUSÕES

Considerando-se o exposto e as limitações do estudo, especialmente aquelas relacionadas à utilização de questionário com dados autorregistrados e com pequena amplitude de variação das escalas de avaliação adotadas, chegou-se às conclusões a seguir descritas.

- As evidências encontradas destacaram a elevada autopercepção de competência profissional dos treinadores investigados, tanto na dimensão conhecimentos quanto na dimensão habilidades profissionais.
- Ao considerar os ciclos vitais dos treinadores, constatou-se que os treinadores com idades mais avançadas apresentaram maior domínio dos conhecimentos profissionais referentes à gestão e

legislação do esporte, porém relataram maiores dificuldades na habilidade de avaliação do esporte do que os treinadores mais jovens. Estes últimos, por sua vez, apresentaram menor domínio na habilidade de autorreflexão e atualização no esporte.

- O nível de competência percebida dos treinadores parece aumentar de acordo com a progressão nos ciclos de desenvolvimento profissional, com maior domínio na fase de diversificação profissional. Os treinadores mais experientes relataram maior domínio de conhecimentos de gestão e legislação do esporte do que os colegas menos experientes.
- Os treinadores que atuavam em modalidades esportivas coletivas apresentaram maior percepção de competência do que os colegas atuantes em modalidades individuais, principalmente nos conhecimentos profissionais relativos à biodinâmica do esporte e nas habilidades profissionais de comunicação e integração do esporte.

Apesar das contribuições da investigação para aumentar o nível de compreensão das potencialidades profissionais de treinadores esportivos, os estudos futuros nesta área necessitam identificar o nível de associação entre a percepção de competência e a importância atribuída às competências, bem como aprofundar o impacto de outras variáveis relacionadas à intervenção e à carreira profissional de treinadores esportivos.

PROFESSIONAL COMPETENCE PERCEIVED IN SPORTS COACHES FROM SANTA CATARINA STATE

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the degree of professional competence perceived in sports coaches from Santa Catarina State, considering vital cycles, professional developing cycles, and the kind of modality they perform. The selection process of the sample occurred according to the regions of Santa Catarina State, participating of the investigation 213 coaches. The collecting data instrument was the Self-perception Competence Scale adapted from Simão (1998). For the statistical data analysis the Chi-square test, likelihood ratio and regression binary logistic were used, from SPSS program version 11,0, whose degree of significance adopted was 5%. The results showed coaches' high perception of competence, as well as a higher knowledge about sports management and law by the oldest and the most experienced coaches. It was concluded that the degree of competence perceived in the coaches seems to increase according to the progression in the professional developing cycles.

Keywords: Competence perceived. Coaches. Sports.

REFERÊNCIAS

- ALCOSER, S. D. I. Competencias profesionales del profesor de educación física y del entrenador deportivo. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, [S.l.], año 11. n. 100, 2006. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd100/compe.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2007.
- BANDURA, A. **Social foundations of thought and action**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1986.
- BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1977.
- BATISTA, P. M. F. **Discurso sobre a Competência: contributo para a (re) construção de um conceito de competência aplicável ao profissional do desporto**. 2008. 591 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto)–Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2008.
- BATISTA, P. M. F.; GRAÇA, A.; MATOS, Z. Termos e características associadas à competência. Estudo comparativo de profissionais do desporto que exercem a sua actividade profissional em diferentes contextos de prática desportiva. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 8, n. 3, p. 377-395, 2008.
- BENTO, J. O. Da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 26-40.
- BEUREN, I. M. (Org.) **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- BÖHME, M. T. S. Avaliação do treinamento esportivo. **Revista da APEF**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 66-70, 1997.
- BORIN, J. P.; PRESTES, J.; MOURA, N. A. Caracterização, controle e avaliação: limitações e possibilidades no âmbito do treinamento desportivo. **Revista Treinamento Desportivo**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 6-11, 2007.
- COSTA, L. C. A. et al. Potencialidades e necessidades profissionais em Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 17-23, 2004.
- COSTA, L. C. A., NASCIMENTO, J. V. Competência percebida dos professores de Educação Física: perspectivas para a formação inicial. **Revista Uningá**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 11-20, 2006.
- FARIA, L. Competência percebida: desafios e sugestões para lidar com a excelência. **Revista Sobredotação**, Braga, v. 3, n. 2, p. 55-70, 2002.
- FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 4, p. 605-618, 2008.
- GARCIA, C. M. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n. 8, p. 7-22, jan./abr. 2009.
- GARCIA, C. M. **Formación del profesorado para el cambio educativo**. Barcelona: UEB, 1995.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Manual prático para avaliação em Educação Física**. Barueri: Manole, 2006.
- JESUS, S. N.; ABREU, M. V. Projecto profissional e expectativas de realização dos professores: um estudo exploratório. **Revista Inovação**, São Luís, v. 2, n. 7, p. 215-221, 1994.
- LEMONS, C. A. F. **Qualidade de vida da carreira profissional de professores de Educação Física do magistério público estadual/RS**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- LOSIER, G. F.; WALLERAND, R. J. The temporal relationship between perceived competence and self-determined motivation. **The Journal of Social Psychology**, Washington, DC, v. 6, no. 134, p. 793-801, 1995.
- MACHADO, J. F. V.; FERNANDES FILHO, J. Caracterização dos critérios de seleção utilizados para a formação de equipes esportivas: análise preliminar no contexto de esportes coletivos e individuais. **Fitness & Performance**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 1-16, set./dez. 2001.
- MARINHO, F. M. **O voleibol atual: uma necessidade de formação dos treinadores?** 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)–Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2007.
- MARQUES, A. T. As profissões do corpo: o treinador. **Treinamento Desportivo**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 4-8, jun. 2000.
- MATEOZO, M. G. The professional preparation of coaches for olympic sports. **Olympic Review**, Lausanne, no. 42, p. 156-161, mar. 1971.
- NASCIMENTO, J. V. **A formação inicial universitária em educação física e desportos: uma abordagem sobre o ambiente percebido e auto-percepção de competência profissional de formandos brasileiros e portugueses**. 1998. 367 f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1998.
- NASCIMENTO, J. V. A relação entre as estruturas interpessoais na formação inicial e a percepção de competência profissional em Educação Física. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 54-78, 2000.
- NASCIMENTO, J. V. As competências específicas do profissional de Educação Física e Desportos: um estudo Delphi. **Horizonte: Revista de Educação Física e Desporto**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 1-12, 1999a.
- NASCIMENTO, J. V. Escala de auto-percepção de competência profissional em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, p. 5-21, 1999b.

- NASCIMENTO, J. V.; GRAÇA, A. A evolução da percepção de competência profissional de professores de Educação Física ao longo da carreira docente. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 6., 1998, La Coruña. **Actas...** La Coruña: INEF Galicia, 1998. p. 320-335.
- ONOFRE, M. S.; COSTA, F. C. O sentimento de capacidade na intervenção pedagógica em Educação Física. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, Lisboa, v. 1, n. 9, p. 15-26, 1994.
- PAJARES, F. Self-efficacy beliefs in academic settings. **Review of Educational Research**, Washington, DC, v. 66, no. 4, p. 543-578, 1996.
- RESENDE, R.; MESQUITA, I.; FERNANDEZ, J. Concepções dos treinadores acerca dos conhecimentos e competências no exercício da função e de acordo com o gênero e a experiência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE JOGOS DESPORTIVOS, 1., 2007, Porto. **Actas e resumos...** Porto: Universidade do Porto, 2007. p. 77.
- ROSADO, A. Um perfil de competências do treinador desportivo. In: SARMENTO, P.; ROSADO, A.; RODRIGUES, J. **Formação de treinadores desportivos**. Rio Maior: Escola Superior de Desporto de Rio Maior Edições, 2000.
- RUDOLPH, D. L.; MCAULEY, E. Self-efficacy and perceptions of effort: a reciprocal relationship. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v. 2, n. 18, p. 216-223, 1996.
- SACKS, A. M. Longitudinal field investigation of the moderating and mediating effects of self-efficacy on the relationship between training and newcomer adjustment. **Journal of Applied Psychology**, Washington, DC, v. 80, no. 2, p. 211-225, 1995.
- SHIGUNOV, V.; FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. O percurso profissional dos professores de Educação Física nas escolas. In: SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV NETO, A. (Org.). **Educação Física: conhecimento teórico x prática pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 103-152.
- SIMÃO, J. V. **A formação do treinador: análise das representações dos treinadores em relação à sua própria formação**. 1998. 215 f. Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1998.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; FERNANDES, R. Competência profissional percebida: um estudo com estudantes de educação física em formação inicial. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 95-105, 2006.

Recebido em 18/09/09

Revisado em 24/02/10

Aceito em 14/03/10

Endereço para correspondência: Ema Maria Egerland. Rua Dr. Amadeu da Luz, 163, apto 303, Centro, CEP: 89010-160, Blumenau-SC, Brasil. E-mail: ema@furb.br